

## Prefácio

Foi porque um bizantinólogo muito douto, e religiosamente movido pela firme esperança de me desencorajar, declarou-me um dia que não existia filosofia em Bizâncio, mas apenas história, geografia e religião, que compreendi a que ponto era urgente provar o contrário, não apenas a bem da filosofia, mas para recolocar a questão da história, da geografia e da religião em Bizâncio como um problema da própria filosofia. Desde o começo, fui ajudada em meu trabalho por outro bizantinólogo mais douto que o anterior e a quem um espírito mais livre tornava profundamente generoso: refiro-me a Jean Gouillard, já falecido. Ele me fez encontrar os textos de Nicéforo e me apoiou durante os anos dedicados à tradução dos *Antirréticos*.

Os obstáculos que tive de superar não se prenderam unicamente à dificuldade do assunto, mas também e sobretudo à desaprovação zombeteira dos teólogos, assim como ao estranho costume, corrente entre certos historiadores, de eles se reservarem zelosamente a propriedade dos séculos, temendo como à peste qualquer questionamento conceitual que traga as insígnias da modernidade. É fácil imaginar quanto pude apreciar a ajuda, o apoio, a informação e a crítica que me foram oferecidos. Foi o caso de amigos historiadores e filósofos como Jean Gouillard, que mencionei há pouco, ou Michel de Certeau, bem como de Paul Audi, Emmanuel Martineau, Marie-France Auzépy, Françoise Armengaud, Ithzak Goldberg e Jacques Mercier. Que eles recebam meu agradecimento.

Paradoxalmente, também foi preciso resistir às facilidades repentinas que, de uns tempos para cá, passaram a ser oferecidas aos pensadores da imagem fascinados com a iconicidade. Os defensores da invisibilidade moderna e pós-moderna (?) parecem haver farejado na iconicidade o odor da trufa redentora num mundo “idólatra”.

Todos querem falar do ícone ou da Santa Face, da presença real ou das vertigens erógenas da falta e da ausência. O demônio da analogia selvagem cometeu tantas maldades quanto o da erudição monopolista e do protecionismo eclesiástico.

Tudo isso acabou fazendo com que eu decidisse dar um testemunho de meu próprio avanço, nesses últimos quinze anos, pelo pensamento icônico. Nele encontrei uma reflexão sutil e infinitamente rica em suas próprias dificuldades. Não mais que qualquer pessoa, eu não ousaria ter a pretensão de haver feito nada além de esclarecer alguns de seus aspectos mais novos e mais fecundos para a atual filosofia da imagem.

Como o *corpus* de que eu dispunha revelasse a cada dia uma coerência maior, resolvi servir-me dele da maneira mais simples possível.

A meditação sobre a imagem, o ícone e a economia, portanto, parte de uma abordagem inaugural do termo “economia”, depois se volta mais especificamente para o ícone, retomando algumas análises feitas durante o período de tradução dos *Antirréticos*, e termina com algumas reflexões sobre o ídolo, seguidas pela reunião remanejada de alguns textos concernentes aos ícones de nosso mundo, que me parecem ainda trazer claramente a marca do pensamento icônico.

Não se encontrará aqui o tom profético do “tudo é ícone” que prevalece quando se fala de arte, de imagem, de Deus, do rosto de outrem ou da nova face do mundo eslavo na santa Rússia. Desde que o Outro já não se encontra em parte alguma, as pessoas desfilam seu ícone por toda parte, da igreja ao computador, do museu ao divã analítico. Ele tanto alimenta a mística dos virtuosos do virtual quanto a dos feridos graves da fraternidade democrática. Novo artefato da presença e das esperanças de salvação, o ícone, no entanto, tem que encontrar os alicerces da sua verdadeira força especulativa e política, aquela que lhe vem da ideia patrística de economia.

Este livro quer apenas esclarecer uma leitura específica do conflito do iconoclasmo, na medida em que ele concerne muito de perto e da maneira mais sensível a um problema filosófico que continua entre nós, hoje em dia. O que me interessou foi a gênese de uma ideia da imagem da qual somos herdeiros.

Trata-se realmente de uma leitura, pois é à leitura de um grande texto, escrito durante a crise iconoclástica, que este trabalho deve a própria substância de suas colocações. Tal texto foi obra do patriarca Nicéforo, que viveu em Constantinopla e, posteriormente, no exílio, durante a crise do segundo iconoclasmo: trata-se dos *Antirréticos*, escritos entre 818 e 820 d.C.

Em nosso século, a imagem encontra-se no cerne da preocupação que temos com a salvaguarda de nossa liberdade e de nosso pensamento. Posto que a invasão do planeta por um imperialismo visual e audiovisual reduz toda reflexão crítica e toda tomada da palavra a um estado de letargia servil e fascinação acéfala, convém compreendermos os elementos de uma genealogia cuja prole última tanto é portadora do melhor quanto do pior. Talvez não haja nenhum desastre em preparação, exceto aquele, sempre ameaçador, da demissão do pensamento. Mas a imagem não é responsável por isso; ela espera que a pensemos à luz de sua história, bem como no cerne de sua vitalidade presente e esmagadora.

Eu quis voltar à intuição que tiveram os Padres da Igreja sobre a solidariedade fundamental que liga o destino da imagem artificial, ou ícone, à carne transfigurada da imagem natural e invisível, à nossa realidade viva e corporal de seres desejantes, políticos e mortais. Através do conceito de economia, os Padres tentaram pensar a relação do imaginário com a vida, bem como o destino da verdade, quando, na urgência, trata-se primeiro de ser eficaz, e isso esbarrando na dificuldade acarretada pela recusa de qualquer idolatria, ainda que, inevitavelmente, seja preciso contar com ela.

A complexidade filosófica e antropológica do problema conferiu ao debate uma violência tanto física quanto simbólica, à qual nem sempre se furtaram aqueles que se interessam por esse período. Ainda há quem tome partido pró ou contra os iconoclastas. Na medida em que os iconófilos triunfaram e nos privaram de todos os documentos que nos esclareceriam sobre seus adversários, a tendência do pesquisador seria privilegiar aquele a quem a história de um triunfo mais lesou. Era preciso reconstituir com fragmentos um pensamento que só chegou até nós sob uma forma caricatural e mentirosa.

Esse procedimento é uma necessidade a um tempo científica e moral. Contudo, dito e reconhecido isto, a reflexão se desdobra num terreno muito diferente do de uma polêmica primária: o do cotejo de duas correntes de pensamento que não podem ser entendidas uma sem a outra, e cuja *contradição finalmente se revela como intrínseca à natureza da própria imagem*. A imagem e o ícone estão no cerne de toda meditação sobre o símbolo e o signo, assim como sobre a relação deles com a problemática do ser e do parecer, do ver e do crer, da força e do poder. Quando um imperador e um patriarca se enfrentam e querem nos convencer, alternadamente, de que esse confronto é da mesma natureza do combate contra o demônio, só podemos nos interessar pela questão de como se construíram, ao longo da história, as imagens da salvação e da danação, e de que modo a imagem tornou-se a pedra angular das incorporações e das excomunhões. Os dois campos são apaixonados e são ambos apaixonantes. A iconofilia arrastou-nos pela trilha de suas adesões violentas, mas nem por isso a voz do iconoclasmo calou-se em algum momento. Quanto aos idólatras, que todos condenavam unanimemente, eles ainda são prósperos e continuam a nos propor as mais sedutoras imagens de nossos desejos de adorar e nossos desejos de destruir.